

## **XIIº Encontro Monástico Latino-Americano (EMLA)**

**Pe. Mauro-Giuseppe Lepori OCist**

# **"A tenda do Verbo de Deus"**

## **Considerações sobre a situação do monaquismo beneditino hoje**

### **Na missão da Igreja**

Agradeço por me convidar para este encontro tão importante do mundo monástico da América Latina. Desde quando sou abade geral, ou seja, desde 2010, visitei muitas vezes o Brasil e a Bolívia onde estão concentradas as presenças da minha Ordem na América Latina, e sempre foi uma experiência muito estimulante e cheia de desafios para o meu ministério pastoral e para a minha vocação monástica.

O que direi, retomo algumas reflexões que apresentei na reunião do Sínodo da minha Ordem, que se reuniu na semana passada para preparar o Capítulo Geral do próximo ano. São reflexões feitas a partir da minha experiência visitando a Ordem em várias partes do mundo, mas devo confessar que no Brasil e na Bolívia, dos quais sou mais responsável de forma direta do que outras presenças cistercienses do mundo, me inspiraram particularmente, seja positiva que negativamente.

Nestes dias, iniciou em toda a Igreja um mês missionário extraordinário promulgado pelo Papa, e também um Sínodo extraordinário consagrado à Amazônia. Parece-me importante que também levemos em consideração quando meditamos sobre nossa presença e missão monástica no mundo e na Igreja de hoje. Porque toda vocação é missionária, mesmo quando tem acentos específicos ligados ao carisma de São Bento, como por exemplo a estabilidade, clausura, silêncio, acolhimento mais do que sair e partir para longe. Somos sempre chamados a encarnar uma missão universal, a missão de toda a Igreja, isto é, a missão de Cristo enviado pelo Pai a salvar o mundo inteiro.

Cada experiência de encontro com Jesus Cristo nos torna missionários, mesmo e diria sobretudo, ao interno e de dentro de uma vida monástica, uma vida de estabilidade em um lugar e comunidade específicos. No fundo, a vida humana, a condição humana, com a encarnação de Deus se transformou toda em Nazaré, isto é em uma vida escondida de Cristo, dentro da vida ordinária dos homens. Por isso, a verdadeira missão e transmissão sempre tem uma dimensão mariana, como quando a Virgem Maria se sentiu enviada à Judéia, à montanha, para sua prima Isabel. A vinda de Cristo criou, por assim dizer, uma "estabilidade na missão". E a estabilidade desejada e educada por São Bento é, na realidade, um "habitar peregrino", um "entrar no ser enviados", um permanecer ao centro que alcança as extremas periferias do mundo e da humanidade.

## A tenda do Verbo encarnado

Nos nossos mosteiros, rezamos o Angelus três vezes ao dia. Faço isto há pelo menos 35 anos, mas já rezava antes também; mas somente recentemente me tocou o sentido literal do terceiro versículo desta oração, que cita o prólogo de João: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Em grego, "e habitou" é expresso pelo verbo *skenoo*, que deriva do termo tenda (*skene*). Literalmente se poderia traduzir com "E o Verbo se fez carne e plantou sua tenda [*eskenosen*] entre nós".

Na Bíblia, e para os povos nômades da descendência de Abraão, a tenda é uma habitação que se move com aqueles que vivem nela. Uma habitação certamente frágil, mas que por este motivo não impede de caminhar, progredir e atravessar o deserto. Mas a tenda para os nômades não é apenas isto; é também um lugar de acolhimento e de encontro. Cria no caminho pontos de comunhão, amizade, familiaridade com o outro, de compartilhar a proteção que esta oferece, das refeições que reúnem a família ou a comunidade. Na tenda, os nômades se reúnem para estar juntos e dialogar.

O verbo usado por São João para descrever a encarnação do Verbo de Deus, ou melhor, o efeito imediato da encarnação do Verbo, quer, portanto, exprimir o fato que, fazendo-se carne, Deus plantou em nosso meio e no meio do mundo, uma tenda que nos permite viver com Ele, tudo aquilo que a tenda significa para os nômades do deserto.

Vocês sabem que quando São Bento insiste na Regra sobre o conceito de "habitar" no mosteiro, parte de uma citação do Salmo 14, que também usa a imagem da tenda, em latim: "*tabernaculum*". Cita o versículo: "Senhor, quem habitará na tua tenda?" (Sl 14,1). Bento responde a esta pergunta continuando a citar este salmo, e diz que, nestas palavras, podemos ouvir o Senhor que nos responde "mostrando-nos o caminho da tenda – *ostendentem nobis viam tabernaculi*" (RB Pról. 24), entende, antes de tudo, o caminho para alcançar esta tenda, mas podemos entender também no sentido do caminho que nos foi dado para percorrer na tenda de um Deus, que se fez nômade em meio a nós, que veio habitar e caminhar em meio a nós, que veio em missão em meio aos homens.

Um pouco mais adiante, ainda no prólogo, São Bento volta a esta imagem: "Portanto, irmãos, à nossa pergunta ao Senhor sobre como habitar em sua tenda [*de habitatore tabernaculi*], ouvimos o que é prescrito para habitar [*habitandi praeceptum*], mas com a condição de cumprirmos o dever próprio daqueles que ali habitam [*habitoris officium*]" (RB Pról. 39).

São Bento insiste no termo habitar, habitante, e isto poderia nos dar uma ideia muito estática da vida no mosteiro. Mas não devemos esquecer que está falando de "habitante da tenda – *habitor tabernaculi*", isto é, de um nômade, de quem *habita peregrinando*, de quem *habita caminhando*.

## Caminhar juntos

Parece-me uma imagem para lembrar especialmente hoje, em que tudo se move. Não apenas os migrantes dos países pobres vivem em uma instabilidade, muitas vezes trágica, mas também as populações que estão bem, que têm casa e emprego, estão sempre em movimento, muitas vezes sem saber para onde vão. Movem-se na ilusão de escapar da instabilidade de seu coração inquieto e desorientado. Cristo não vem dizer ao homem inquieto e instável: "Fique parado!", mas nos oferece um caminho no qual o mover-se faz sentido, não é só um fugir sem direção, mas caminhar juntos em direção a uma meta, um caminhar orientado em direção a uma meta.

É exatamente isto que os monges e as monjas, as comunidades e Ordens monásticas são chamados a oferecer à humanidade inquieta e instável de hoje: a estabilidade de um caminho no qual toda a vida tem sentido, porque vai em direção ao Destino final do universo e da história. Por isso, é importante que nós, por primeiro, não concebamos viver no mosteiro como viver em fortalezas inabaláveis, mas como um viver na tenda do Senhor que nos oferece sim uma casa, uma proteção e estabilidade, mas que nos permite fazer um caminho juntos, juntos com Cristo e juntos Nele, assim que o nosso habitar, a nossa vida monástica e cenobítica seja missão, evangelização na Igreja e para o mundo.

Devemos tomar consciência de que somos chamados a habitar em uma tenda, também em nossos mosteiros com paredes de um metro ou mais de largura. Não é uma questão material, física, mas uma questão de consciência que devemos ter ao viver no mosteiro e, sobretudo, ao viver em comunidade. A maior aberração que podemos viver na vida monástica, e a vejo um pouco em todo o mundo, é a de viver em um mosteiro sem viver em comunidade. É como se o mosteiro fosse um monumento sepulcral em vez de ser uma casa de seres vivos. E o primeiro efeito de não viver em comunidade vivendo em um mosteiro é que não se anda, que o mosteiro não é mais o caminho da tenda, a "*via tabernaculi*" na qual se vive com Cristo, que caminha conosco. No mosteiro, vivemos para fazer um caminho, para sermos peregrinos na terra, como todo ser humano criado por Deus e para Deus.

Devemos sempre nos lembrar que a tenda na qual nos foi dada e nos pedem para habitar e peregrinar, foi a que colocou o Filho de Deus em nosso meio fazendo-se homem, a tenda da Igreja. "O Verbo se fez carne e colocou sua tenda entre nós". Deus não pode estar mais presente do que em sua carne, fazendo-se homem. Mas vive entre nós na forma de uma tenda, um lugar que não é sólido em si, mas que é uma morada para nós na medida em que nela encontramos Cristo, dialogamos com Ele, compartilhamos com Ele o pão e o vinho, e com Ele, Nele, encontramos os irmãos e irmãs que Deus coloca em nosso caminho rumo a Pátria Celestial.

Uma tenda onde não se vive juntos, onde não se encontra, não é morada, não é mais uma casa: são apenas telas penduradas ou suspensas, às vezes como preciosas tapeçarias de museus, outras vezes como trapos logrados pelo tempo, mas ninguém as chama "casa" ou "morada". Somente se vemos pessoas morando juntas, se diz que aquela tenda é uma habitação, uma morada. Isto vale também para os edifícios de pedra, mas o problema é que é mais fácil iludir-se que um edifício seja uma habitação, mesmo que ninguém viva lá, mesmo que não se viva juntos nele. Muitos mosteiros correm o risco de dar esta ilusão a quem os olha de fora, mas na verdade não oferecem uma casa.

## **A natureza sinodal do nosso carisma**

Nas Ordens e Congregações Cistercienses, comemoramos este ano o 900º aniversário da aprovação papal da *Carta Caritatis*, documento fundador da organização dos primeiros mosteiros cistercienses, em uma família de mosteiros autônomos ligados pelo carisma e por momentos de comunhão como o Capítulo geral, Visitas regulares, etc. Na *Carta Caritatis*, vemos que nossos Pais destacaram os elementos essenciais para fazer da Ordem uma "habitação em caminho", uma grande tenda que permita a todas as comunidades e todos os membros da Ordem encontrarem proteção, encontrar-se, caminhar juntos, e tudo isto com Cristo, na tenda que Cristo plantou no mundo encarnando-se.

A grande tenda da Ordem também é concebida como uma escola para aprender a habitar na tenda de cada comunidade, para ajudar cada comunidade a encontrar a sua "*viam tabernaculi*", seu próprio caminho específico para e dentro da tenda de Cristo.

Notem que a imagem da tenda como morada de nossa vocação em caminho é uma imagem muito "sinodal", no sentido etimológico, do termo, frequentemente lembrado por Papa Francisco, de "caminhar juntos". Acredito que qualquer reforma ou atualização de nossas Ordens e Congregações deverá ser um aprofundamento e uma revitalização da natureza sinodal de nossas estruturas de comunhão, de encontro. A experiência que fiz no ano passado participando do Sínodo dos Bispos sobre o tema "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional" me ajudou a entender a concepção sinodal da autoridade que São Bento nos ensina na Regra, não apenas no capítulo 3. Devemos sempre reexaminar as nossas instituições com uma pergunta muito simples, mas também muito urgente: como as estruturas nos ajudam a caminhar juntos no caminho de nossa vocação?

São Bento, no capítulo 3 da Regra, nos lembra que um aspecto importante da sinodalidade é ouvir os mais novos (RB 3,3). Não se trata apenas de ouvir suas ideias e sugestões, que por si não valem nem mais nem menos que as dos idosos, mas de não perder a sensibilidade pelo profundo desejo que vive neles, pelo frescor de sentir-se chamados por Cristo. É verdade que algumas vezes alguns jovens são mais velhos que muitos idosos; às vezes não têm ou perdem rapidamente seu fervor, talvez por nossa culpa que não lhes oferecemos o acompanhamento necessário para manter vivo o amor de Cristo e renovar o encontro com Ele. Mas devo dizer que na

maioria dos casos, especialmente na Ásia, África e América Latina, encontro jovens que realmente desejam dar sua vida a Cristo, mas que não encontram na comunidade não apenas ajuda e o exemplo no preferir Cristo, mas também a consciência do valor desta preferência para a nossa vida. É como se não encontrassem entre nós a estima e o respeito sagrado pelo valor de cada vocação, do fato que Jesus encontra um jovem, o ama e o chama para segui-lo para sempre.

A grande responsabilidade dos superiores, dos formadores e de qualquer adulto na vida monástica é, acima de tudo, a de colocar-se a serviço desta pérola preciosa que o Senhor faz encontrar a qualquer um que é realmente chamado a seguir a nossa vocação. Evidentemente, se nós mesmos esquecemos o valor da pérola que nos foi dada pessoalmente, teremos dificuldade em valorizá-la para os outros. Mas se somos um pouco "escleróticos" na paixão pela nossa vocação, deveríamos pelo menos deixar-nos lembrar pelo espetáculo das, sempre surpreendentes, vocações dos jovens e ajudá-los a ser menos negligentes que nós, no proteger e valorizar a pérola recebida.

*A Carta Caritatis* é um exemplo maravilhoso de como os primeiros pais cistercienses pensavam nas estruturas à luz e ao serviço da vocação, do carisma. A eles não interessavam as estruturas, mas a vocação que as estruturas devem servir. Por isso eram fiéis às estruturas e pediam a todos esta fidelidade.

## **O burro do Samaritano**

Acredito que o aspecto mais positivo que experimento em todos os lugares não é que as comunidades "vão bem", que sejam sólidas e exemplares, ao contrário!, mas que a fragilidade seja revelada como uma preciosa oportunidade para caminhar juntos. Em tantas situações, sobretudo onde a fragilidade, mas também o perigo, ameaça comunidades e pessoas, as instituições como os Capítulos, as Visitas regulares ou os Conselhos, se revelaram realmente estruturas ágeis e sólidas ao mesmo tempo, onde se podia apoiar para sustentar e acompanhar.

Quando penso em como nos ajudamos a sustentar estas realidades frágeis, lembro-me da imagem do bom Samaritano que para socorrer o homem ferido pelos bandidos, valorizou com caridade e elasticidade os meios que tinha a disposição, isto é, o azeite e o vinho, o burro e o dinheiro (cf. Lc 10.34-35). Ele também, como o sacerdote e o levita que passaram pelo homem ferido antes dele, estava em caminho para fazer outra coisa do que cuidar de um pobre, despido e espancado. Mas a sua compaixão e a piedade que comoveram seu coração, lhe fizeram decidir em colocar seus meios a serviço de um outro, ou seja, no fundo exaltou os meios que tinha disponível. O azeite e o vinho, é claro que tinha para temperar e alegrar sua refeição; o burro, é claro que tinha para fazer seus negócios e talvez para levar mercadorias para vender e lucrar; o dinheiro tinha para gastar consigo. Eram instrumentos com objetivos precisos e definidos. A compaixão mudou o uso para se tornar instrumentos do bem, da caridade, da fraternidade com este estranho ferido. E acima de tudo, se tornaram instrumentos para obter a benevolência de Deus para si.

Eis que também as nossas estruturas são como o azeite, vinho, dinheiro, e diria acima de tudo, o burro do Samaritano. Normalmente somos chamados a usá-los para nós mesmos, segundo as regras estabelecidas e para a nossa lícita vantagem. Mas vivemos um momento da Igreja e das Ordens que nos convidam sempre mais, a utilizar para aliviar e curar a fragilidade, pobreza, o sofrimento de nossos irmãos e irmãs. E então descobrimos que as nossas estruturas funcionam muito bem para fazer o bem, muito mais do que quando as usamos apenas para o uso "normal". Um burro que age como uma ambulância, faz algo mais útil e nobre do que carregar apenas pesos materiais. O azeite e o vinho que curam as feridas têm um uso mais precioso do que simplesmente terminar no estômago e, desculpem!, na fossa. O dinheiro gasto para fazer o bem se torna um tesouro no Céu...

Devo dizer que muitas vezes este salto de qualidade de nossas estruturas, vi e experimentei, nos membros femininos da Ordem. Certamente, a capacidade de usar o que temos para cuidar dos outros é inerente na natureza materna das mulheres. Por isso, com frequência, enfatizei e recomendei a experiência positiva que faço em ser acompanhado por uma monja nas Visitas canônicas, mesmo nos mosteiros masculinos. Em minha Ordem, desde quando, no ano 2000, as abadessas e prioresas entraram a pleno título como membro do Capítulo Geral, dos quais representam metade dos membros, bem como no Conselho do Abade Geral, passamos de uma gestão "política" da responsabilidade a uma gestão mais diretamente voltada ao cuidado das comunidades e das pessoas.

Também por isso, há alguns anos, promovi, imediatamente apoiado pela Ordem dos Cistercienses da Estreita Observância e por algumas Congregações Beneditinas, a causa para chegar a reconhecer Santa Gertrudes de Helfta Doutora da Igreja, convencido que a sua doutrina bíblica, litúrgica, monástica e mística, é uma contribuição fundamental para viver a natureza sponsal e feminina da Igreja, dentro de uma relação viva com Cristo.

Da América Latina, onde Santa Gertrude é amplamente venerada, chegou o apoio explícito de 10 Conferências Episcopais e de várias organizações monásticas. Gostaria de sublinhar e agradecer por como vocês estão na vanguarda desta iniciativa. Mais difícil é convencer as Conferências Episcopais Europeias, e em particular a alemã, que deveria ser a primeira a promover oficialmente a causa. No entanto, durante este encontro EMLA, vocês vão estar mais informados, especialmente com um stand consagrado à causa. Não sei se esta causa um dia chegará a um resultado oficial, mas esta iniciativa já deu muitos frutos no estudo e aprofundamento da parte do mundo monástico e também por muitos leigos das obras de Santa Gertrude, com numerosos congressos, simpósios e traduções de textos, etc. Tenho certeza que este empenho permitirá à mensagem de Santa Gertrude demonstrar a sua atualidade que o homem, a Igreja e o mundo de hoje precisam.

Volto ao burro do Samaritano... O salto do uso puramente regular das estruturas ao uso a serviço da caridade, da compaixão e da vida, não é instintivo: deve ser cuidado e formado. As estruturas, os instrumentos de nossas Ordens, se não forem usados com cuidado, não servem para ninguém, não fazem ninguém viver.

Esta é uma espécie de cruz no meu ministério: quando nos encontramos para fazer Visitas canônicas, Capítulos ou a reunir o Conselho ect..., sem que estes instrumentos sejam levados a sério por quem deve participar e, frequentemente, daqueles em favor dos quais queremos usar. Às vezes é como se o homem ferido pelos bandidos não quisesse subir no burro ou se jogasse de cima dele enquanto o levamos ao hotel, ou arreda o azeite e o vinho dos fermentos, porque arde um pouco, impedindo de curá-lo; ou pegam o dinheiro e gastam não para se curar, mas para dar vazão a algum vício... Poderia dar não poucos exemplos em vários lugares em todo o mundo.

Mas devo dizer que predomina sempre mais uma atitude positiva, na qual realmente se pede ajuda e se comprometem com a ajuda recebida. Observo que um fator que nos ajudou na Ordem a levar a sério os nossos instrumentos e as nossas estruturas oficiais, são muitas vezes os encontros não oficiais ou não canônicos, como um curso para superiores que ocorre a cada dois ou três anos, e outros grupos de encontro fraterno entre superiores por regiões linguísticas, sem contar os encontros de formação para os mais jovens, como o Curso de Formação Monástica que realizamos em Roma durante um mês por ano, em colaboração com Sant'Anselmo, com grande participação de monges e monjas da América Latina – principalmente do Brasil – também Beneditinos e Trapistas.

### **Um burro que realmente leve Cristo**

No entanto, nenhuma estrutura ou momento vão adiante por si só. Se não há pessoas que as animam com a intenção reta com a qual vivem, as estruturas permanecem estéreis, burros de desfile, que não conseguem carregar nossas reais necessidades e fragilidades.

Às vezes, a forma das instituições e estruturas se torna muito importante, pesada, e não ajuda a carregar nossas reais fraquezas. É como se o Samaritano, em vez de colocar o homem ferido nas costas do burro, colocasse o burro nos ombros do homem ferido... Realmente tenho esta impressão sobre tantas estruturas na Igreja, também certas estruturas legislativas, como alguns aspectos de *Cor Orans*. Não são burros que nos ajudam a carregar as fragilidades, mas burros que se fazem carregar pelas fragilidades e, assim, as esmagam. Por isso, no mundo monástico, não devemos apenas fazer uma restauração estética das estruturas, mas torná-las adequadas para carregar hoje nossas fragilidades, valorizando também nossas forças.

Gosto muito de pensar em nossas estruturas e ministérios com a metáfora do burro. Também um abade geral deve ser um... burro útil. Não digo por humildade, mesmo porque Jesus disse só do burro da entrada de Jerusalém que "o Senhor precisa dele" (Mt 21,3; Mc 11,3; Lc 11,3; Lc 19,31). Nem dos apóstolos nunca disse isto.

Cristo precisa de pessoas e estruturas que O "carreguem" no seu entrar na Paixão que salva o mundo. Todas as pessoas, estruturas e instituições de governo e responsabilidade que temos em nossas Ordens e Congregações, servem, realmente, se nos preocupamos que sejam sempre portadores de Cristo Redentor.

Este é um critério que elimina imediatamente tantos problemas falsos e tantas reivindicações inúteis, sobre a forma e o funcionamento de nossas instituições de comunhão e governo. Por exemplo, se as reivindicamos ou as usamos em uma ótica de poder, de auto referência, procurando só salvaguardar ou obter nossos interesses pessoais ou de nosso mosteiro, traímos o essencial de seu significado. Jesus não precisava do burro para ser proclamado rei dos Judeus, mas para entrar com humildade e mansidão na sua Paixão redentora.

Na minha Ordem, por exemplo, do papel do abade geral foi tirado muitas decorações e jurisdições, e se encontra quase tendo que carregar apenas pessoas, comunidades e Congregações em estado de crise, como o homem "*semivivus*" da parábola do bom Samaritano (Lc 10,30). Não reclamo, porque mais os anos passam, mais percebo que a Ordem escolheu para o abade geral "a parte melhor", a de cuidar sobretudo de Cristo em sua carne ferida, em seus membros abandonados e desprezados.

No entanto, precisamos viver juntos, entre superiores, entre comunidades, mesmo de diferentes Ordens, no afrontar estas situações críticas, para lembrarmos todos que este cuidar de situações frágeis e difíceis não é uma perda de tempo no caminho da nossa vocação e missão, nem um obstáculo para vive-lo com plenitude e fecundidade, mas é o próprio caminho desta fecundidade.

São experiências bonitas, certamente cansativas em muitos aspectos, mas com um cansaço cheio de alegria e também de esperança, porque, quando se faz uma experiência de amizade, mesmo nas piores situações, a esperança é alimentada pela própria amizade, não pelo modo como vai a situação em si. E isto nos liberta também do êxito do nosso ministério, do nosso esforço. A esperança permite a liberdade porque sabemos que o êxito dos nossos esforços está sempre nas mãos de Deus.

Porém, nem sempre a fragilidade de uma comunidade é inocente. Também existem realidades frágeis que não querem ser ajudadas ou que gostariam de ser ajudadas apenas como desejam, o que significa praticamente que querem ser sustentadas... de mal a pior. Em casos semelhantes, penso que chega um momento em que é necessário pensar no bem da Igreja, e não temer de "*amputare radicitus*", como diria São Bento (cf. RB 2,26; 33,1; 55,18), uma planta que não é apenas estéril, mas podre.

É importante permanecer vigilantes, mesmo com toda misericórdia, "*ne una ovis morbida omnem gregem contagiet* – que uma ovelha doente não contamine todo o rebanho" (RB 28,8). Isto São Bento diz especialmente para uma pessoa, mas às vezes infelizmente vale para toda uma comunidade. Em certas comunidades, tenho a impressão que com a desculpa da misericórdia, o vício é mantido. Concordo que se deve tentar salvá-las, mas isto significa que se tenha a coragem e também a possibilidade de corrigi-las e ajudá-las a fazer um caminho. Deixar as pessoas em seu vício e corrupção nunca é caridade.



## O burro e o cavalo

Mas não quero terminar com este triste tom, por isso retomo mais uma vez, para concluir, a imagem simpática do burro, que dá sempre bom humor.

Qual é a diferença entre um burro e um cavalo? Zoologicamente não sou eu que devo explicar, mas biblicamente é clara: o cavalo corre, visa atingir um objetivo, e por isso vinha usado em batalha. Mas o próprio Deus, em sua Palavra, desmonta este orgulho e nos desmonta de nossos "cavalos": "O cavalo não é penhor de vitória, nem salva pela sua resistência" (Sl 32,17). Não devemos pensar em nossas Ordens e Congregações, em nossas estruturas, em nossas próprias responsabilidades, como a "um cavalo penhor de vitória", porque isto, e a história de nossas Ordens e da Igreja demonstra, sempre acaba em um fracasso ridículo.

O burro, ao invés, não vai para guerra, não ajuda a vencer, mas a carregar, suportar, como vimos a propósito do burro do Samaritano e do burro do Domingo de Ramos. Também podemos pensar no burro que, na iconografia cristã carrega Maria e Jesus na fuga ao Egito, guiado por São José. Enfim, o burro é útil porque "carrega", é paciente, e não toma o lugar ou o valor do que ou quem carrega. Se deve carregar Jesus, não pensa que os "Hosana!" são para ele: deixa que sejam para Jesus. Se deve carregar o homem ferido, deixa que os cuidados sejam para o homem ferido, não se faz hospedar ou cuidar pelo hoteleiro.

Todas as nossas realidades monásticas, todas as nossas presenças, todas as nossas obras e estruturas devem ser assim, devem ser isto. Se não forem, não serão apenas inúteis, mas também prejudiciais. Porque Cristo venceu a batalha pascal do Reino, não em um cavalo valente, mas carregado por um burrinho humilde e manso, do qual hoje, mais do que nunca, "o Senhor precisa"!